

## Forasteiro

*“Minha primeira vitória foi  
quando passei a bola para  
um amigo marcar um  
gol que seria meu”*

Em São José do Egito, até o final do século XX tinha um campo de futebol a uns 3 km da cidade, conhecido popularmente como *Forasteiro*, que pelo nome, entende-se que foi feito por alguém de outro lugar. O campo ficava dentro de caatinga, no terreno de propriedade da família Valadares. De um chão macio, com o solo meio arenoso, de cor branca, ele era muito confortável para se jogar descalço, de tênis alcor, kichute ou mesmo de chuteira. Vale salientar que na cidade existe o campo de futebol *Francisco Pereira*, com arquibancada, muros e outras estruturas. Esse campo sempre foi usado pelo futebol profissional.

O *Forasteiro* era o campo das “peladas” e do entretenimento dos que não tinham no futebol uma atividade ou perspectiva profissional. Então, a espontaneidade e a brincadeira aconteciam sem a pretensão de alguém querer ser o melhor jogador. De segunda-feira a sexta-feira, um grupo de adolescente, alguns já em idade adulta, saía da cidade, cruzava o riacho dos porcos (afluente do rio São José), passava em frente do sítio de seu Vital e entrava de caatinga adentro, por uma pequena trilha, entre pedras, marmeleiros e jurema, sempre acompanhado pelo canto do nambu de pé roxo, da juriti, da rolinha cafofa e de outros pássaros da caatinga.

Quando o grupo ou turma chegava ao campo, no par ou ímpar, cada time era formado para começar o jogo que, só terminava quando o crepúsculo começava e pintar de vermelho amarelo o poente. Outro fato que também ocorria no jogo pelada, não havia a divisão de primeiro e segundo tempo. Então, jovens, entre eles, eu, tínhamos o folego para jogar a tarde inteira, sem parar para o descanso. Raríssimas vezes tinha alguma discussão, e que eu me lembro, como atleta do *Forasteiro*, nunca houve uma briga nas nossas peladas. Nosso foco era jogar bola todas as tardes da semana. Em algumas vezes, fazíamos uma espécie de um pequeno torneio que acontecia nos domingos. Nós tínhamos um time base para jogarmos nos sítios da comarca de São José do Egito. Os deslocamentos para os sítios, eram em carros da prefeitura que a gente conseguia. E o pagamento que recebíamos, era uma farra nos sítios regadas de galinha capoeira e pitu, oferecida pelo dono do time que nos convidava.

No *Forasteiro* acontecia todo tipo de fatos curiosos que a ludicidade das peladas permite. São José do Egito teve nos anos 70 para os anos 80 a presença de padres italianos atuando na igreja matriz, então, os padres apaixonados por futebol, alguns deles eram nossos colegas de peladas no *Forasteiro*. Nas peladas tínhamos um colega de nome Sales, e por ter a pele meia descascada, como a serpente da caatinga, ele recebeu o apelido da peçonhenta. O colega jogava na lateral esquerda e era funcionário do curtume local. Certa vez, o padre italiano, de nome José, jogando na ponta direita, tendo como marcação Jararaca, deu-lhe um drible, e quando ia dando uma passada a frente, Jararaca o agarrou pela cintura e os dois caíram. Jararaca, horas antes, tinha saído de dentro dos tanques, onde o couro era curtido e produzia um mal cheiro horrível, foi direto para o

*Forasteiro*. Quando os dois caíram por causa do drible, o padre disse, “meu filho, você está podre”. Jararaca com medo de ter praticado um pecado mortal por ter derrubado um padre e ter lhe causado o mal estar por causa do fedor do curtume, se ajoelhou e pediu mil perdões ao padre, como faziam os fies da idade média.

O que acontecia nas nossas peladas, era o abraço da alegria, o aperto de mão da ludicidade e o correr para comemorar as tardes, sem o compromisso de uma profissão que, na época não tinha o glamour da fama e do enriquecimento, como hoje em dia. Dávamos passes com o espírito da coletividade, driblávamos com o coração e fazíamos gols com o afeto da coletividade. Nós éramos nossos times e o outro time, porque no outro dia estaríamos jogando em parceria com quem tinha sido adversário no dia anterior. Sem uniformes, nem um dono de time, nosso foco era somente se divertir nas peladas realizadas durante a semana.

Quando terminava o jogo, sob a sombra do ocaso, voltávamos para casa, ouvindo o canto dolente e saudosista do nambu e conversando sobre todas as ocorrências do jogo, como se voltássemos de uma grande festa, celebrando a alegria do prazer e do divertimento.

*Gilmar Leite Ferreira*